

No mês de março de 1912, assistiu-se, no porto de Nápoles, quando se procedia ao descarregamento de certo transatlântico, a um estranho acontecimento, sobre o qual os jornais deram abundantes informações — mas cheias de fantasia. Embora também passageiro do *Oceânia*, o navio em questão, não pude saber mais do que os outros desse singular acontecimento, porque se deu de noite, enquanto metiam carvão e desembarcavam a carga, e todos nós, para fugirmos ao barulho, tínhamos ido para terra, passar o tempo nos cafés ou nos teatros. No entanto, na minha opinião, certas hipóteses, a que, nesse momento, não quis dar publicidade, contêm a verdadeira explicação de tão emocionante cena. E, agora, os anos decorridos autorizam-me a tirar partido de uma conversa confidencial, que precedeu imediatamente o curioso episódio.

\*  
\*   \*

Quando fui à Agência Marítima de Calcutá comprar o meu bilhete para o *Oceânia*, a fim de regressar à Europa, o empregado encolheu os ombros, em sinal de desgosto; não sabia se lhe seria possível arranjar-me um camarote, pois, nessa época, quer dizer, em vésperas da estação das chuvas, o navio vinha ordinariamente mais cheio, já da Austrália, e o empregado tinha de aguardar um telegrama de Singapura, para me dar resposta.

No dia seguinte, participou-me a agradável notícia de que me podia reservar lugar. Não era, na verdade, um camarote muito confortável: ficava por baixo do convés e mesmo ao meio do navio.

Como estava ansioso por voltar ao meu país, não hesitei muito tempo e aceitei.

O empregado não me enganara. O navio estava cheio e o camarote era mau: um vão em quadrilátero, pequeno e apertado, pegado à máquina e iluminado unicamente por frouxa luz vinda de uma vigia redonda.

O ar, espesso e estagnado, cheirava a óleo e a bafio; não se podia parar ali um momento sem dispensar a ventoinha que, como louco morcego de aço, sussurrava constantemente à nossa roda. Em baixo, a máquina arquejava e gemia como um carregador de carvão que sobe, sem cessar, esfalfado, a mesma escada, e, lá em cima, ouvia-se continuamente, no convés, o vaivém dos passeantes. Assim, logo que acabei de instalar a minha mala naquela espécie de sepultura de tabique feito de tábua velha, malcheirosa, corri para me refugiar no tombadilho e, saindo daquela cova, aspirei, como se fosse âmbar, o vento da terra, doce e tépido, que soprava por cima das vagas.

Mas até o próprio tombadilho era apertado e barulhento; havia uma multidão de passeantes que, na agitação nervosa de homens condenados à inação encarcerada, iam e vinham, falando sem descanso.

O bando chilreante das mulheres, a circulação incessante no convés estreito, onde o enxame de passeantes desfilava ao pé das cadeiras, o rumor das conversas, tudo isto me fazia uma certa impressão.

Eu acabava de percorrer um mundo novo para mim, e guardara, no espírito, uma série de imagens que, umas após outras, me passavam pela mente, em furiosa carreira. Agora, queria refletir em tudo quanto vira, classificar e ordenar todas as coisas, para dar forma ao tumultuoso universo que se desenrolara ante os meus olhos; mas ali, naquela avenida

repleta de multidão, não conseguia um minuto de repouso nem de tranquilidade.

Se pegava num livro, as linhas do texto desapareciam no caos oscilante das sombras que projetava a passagem da turba faladora. Era impossível recolher-me um pouco naquele corredor de navio, ruela sem sombra e já de impossível circulação.

Durante três dias, tentei conseguir um pouco de solidão, e observava, resignado, os homens e o mar. Mas o mar continuava semelhante a si próprio, azul e vazio, salvo ao pôr do sol, quando acendia bruscamente sobre as águas um multicolor fogo de artifício. Quanto aos homens, já os conhecia de cor, ao fim de três vezes vinte e quatro horas. Cada rosto tornara-se-me familiar até à saciedade; o riso agudo das mulheres não me interessava, nem a discussão barulhenta de dois oficiais holandeses que eram meus vizinhos. Restava-me, apenas, o recurso de me refugiar em qualquer canto, mas o meu camarote era mau e de pesada atmosfera e, na sala, jovens inglesas martelavam, sem descanso, no piano, valsas sem harmonia. Por fim, alterei resolutamente a ordem do tempo e descí ao camarote, depois do meio-dia, previamente aturdido com alguns copos de cerveja, para poder dormir enquanto os outros cantavam e dançavam.

Quando acordei, tudo era sombrio e mudo no pequeno recinto da minha cabina. Como tinha feito parar o ventilador, o ar húmido e engordurado molhara-me a testa. Estava como que atordoado; foram precisos alguns minutos para me orientar no espaço e no tempo.

Já devia passar da meia-noite, pois não ouvia nem a música, nem o bater constante dos passos. Apenas a máquina, coração resfolgante do Leviathan, arquejava sempre, impelindo a palpitante carcaça do navio para o invisível, onde penetrava, cortando as vagas.

Subi ao tombadilho, às apalpadelas. Estava deserto e, como levantasse o meu olhar para a chaminé fumegante e para

os mastros erguidos como fantasmas, uma claridade magnífica deslumbrou-me bruscamente. O firmamento brilhava. Em volta das estrelas, que o salpicavam de cintilações brancas, havia obscuridade, mas ainda assim, o céu resplandecia. Dir-se-ia que um reposteiro de veludo se encontrava corrido diante de um clarão prodigioso, como se as estrelas não fossem mais do que fendas e gretas, através das quais passava a luz daquela indescritível claridade.

Nunca eu vi o céu como nessa noite, de um azul de aço tão metálico e, portanto, tão brilhante, todo raiado, todo debruado de luz, de uma luz que tombava, como que velada, da Lua e das estrelas e que parecia arder em qualquer parte, em misteriosa fogueira. Como envernizadas de branco, todas as linhas do navio brilhavam cruamente ao luar, sob o veludo sombrio do mar; o cordame, as vergas, todos os apetrechos, todos os contornos desapareciam naquele esplendor flutuante; as luzes dos mastros e, mais ainda, os olhos redondos das vigias pareciam suspensos no vácuo, como pálidas estrelas terrestres, entre as radiosas estrelas do céu.

Precisamente por cima da minha cabeça, a constelação mágica do Cruzeiro do Sul encontrava-se fixada no infinito, como por luminosos pregos de diamantes, e parecia mover-se, quando era apenas o navio que dava essa ilusão de movimento; ele que, balouçando-se docemente, com o peito arquejante como o de um gigantesco nadador, abria caminho, arfando, através das vagas sombrias. Eu permanecia de pé e olhava para o ar; parecia-me que estava num banho onde a água quente caísse de cima sobre mim, com a diferença de que aqui era de luz, que escorria, branca e tépida, pelas minhas mãos, que me envolvia docemente os ombros e a cabeça e que parecia querer penetrar no meu ser, pois todo o torpor se afastou bruscamente de mim. Respirei livremente, com a maior serenidade e, com uma volúpia nova, saboreei nos meus lábios, como uma bebida pura, o ar suave, clarificado e ligeiramente enervante que trazia consigo o aroma dos frutos e o perfume das

ilhas distantes. Agora, pela primeira vez desde que me encontrava a bordo do navio, o santo desejo do sonho despertava, assim como esse outro desejo, mais sensual, que me dava a ânsia de abandonar, como uma mulher, o meu corpo à moleza que me invadia. Queria estender-me, de olhar voltado para os brancos hieróglifos, mas as cadeiras de repouso, as cadeiras do tombadilho estavam levantadas e não havia, em parte alguma, no convés deserto, lugar onde pudesse entregar-me a um sonho calmo. Foi assim que, tateando, me aproximei da proa do navio, cego pela luz que parecia sair das coisas, com uma vivacidade cada vez maior, para penetrar em mim.

Esta luz das estrelas, de uma brancura gelada e de uma claridade luminosa, quase me fazia mal; e queria esconder-me na sombra, estender-me numa esteira, não sentir mais em mim, simplesmente sobre mim, esse esplendor refletido pelas coisas, tal como se olha para uma paisagem de dentro de uma sala na obscuridade.

Enfim, tropeçando nas cordas e passando pelos cabrestantes, atingi a proa do navio, que avançava na sombra, e vi a claridade líquida da Lua saltar, espumante, dos dois lados do esporão.

Esta charrua marinha erguia-se constantemente para afocinhar, de novo, no chão de vagas negras; e, no jogo resplandecente, eu sentia toda a dor do elemento vencido, eu sentia toda a alegria da força terrestre.

Disperso nesta contemplação, perdi a noção do tempo. Haveria uma hora que estava assim contra a amurada, ou apenas minutos? Ao capricho do balanço, o gigantesco berço, que era o navio, balouçava-me e impelia-me para lá do tempo.

Senti apenas uma coisa: uma lassidão imensa, uma lassidão que era como que uma volúpia. Quisera dormir... sonhar... e, no entanto, não me apartava desta magia, não voltava para baixo, para o meu esquite.

Involuntariamente, o meu pé esbarrou numa pilha de cordas.